

O Mito do Desaparecimento da Família

Os americanos estão fugindo do tradicional casamento monogâmico, dizem os inimigos da família; a instituição está morta. Mas, será isso mesmo? Eis uma análise objetiva das «provas» usadas para apoiar esta afirmativa.

LESTER VELIE

NA ÚLTIMA primavera, 126 professores tomaram parte numa conferência em Dallas, no Texas, para discutir o futuro da família americana. Foi-lhes dito que não havia nenhum futuro, pelo menos para o tipo de família que 93 milhões de americanos casados conhecem atualmente. A família nuclear ou conjugal de pai, mãe e filhos, estava obsoleta, acabada.

«O futuro», disse um dos principais oradores», pertence ao *casamento em grupo*, no qual três ou mais pessoas se casam umas com as outras.»

Para outros conferencistas e líderes de grupos de debate, o futuro

pertencia à comuna e ao casamento-por-contrato — renovável de três em três anos. E para ainda outro orador, a nova família estaria fundada sobre a noção de *pessoa* e não de *paternidade*. Invocou isso como um cometimento marido-mulher — não de um para outro, nem para seus filhos, mas apenas para o prazer, «aqui e agora», sem entraves.

E os filhos? Quase ninguém se lembrou deles.

Estudei o rosto dos professores atentos, enquanto os coveiros enteravam a família e aclamavam os seus sucedâneos. Por polidez ou hábito, os acadêmicos — alguns deles já avós, com décadas de casa-

mento sólido para trás — ouviam respeitosamente, sem contestação. Alguns até inclinavam a cabeça em sinal de assentimento. E, numa sessão de debates, um deles não pôde conter sua alegria ao ouvir as notícias sobre a falência da família.

«A monogamia está morta!», gritou.

A Selva dos Números. Exclamações como a desse professor têm ecoado como um trovão em todos os Estados Unidos, proferidas por pessoas dignas de atenção. A conferência de Dallas, por exemplo, era composta de cientistas sociais, psicólogos e alguns conselheiros matrimoniais. Muitos dos participantes ministram cursos sobre casamento e família em colégios e universidades, escrevem artigos eruditos, publicam livros que são incluídos entre as leituras dos estudantes, são citados na imprensa e aparecem na televisão.

Mas, será que a família acabou realmente?

«Qual é a prova?», perguntei ao autor de um livro antifamília, largamente usado como leitura recomendada nos colégios.

Ele me olhou do alto da sua categoria de Doutor em Filosofia e respondeu:

«Você está brincando? Olhe para as estatísticas de divórcio! Há uma fuga em massa do casamento. Mais da metade dos casamentos feitos hoje nos Estados Unidos irão acabar no tribunal de divórcio!»

As estatísticas de divórcio, no entanto, são uma selva de números

que o explorador deve percorrer com cuidado. Uma vez penetrada — com a ajuda de um guia — essa floresta fornece respostas reveladoras para algumas questões fundamentais como, por exemplo, se um casamento poderá durar 30 meses, 30 anos, ou para sempre. E por quê. Ou quantas vezes as pessoas se casam de novo. Somadas umas às outras, essas respostas fornecem uma importante conclusão: *É um mito a noção de que a família americana seja uma instituição em vias de desaparecimento.*

Meu guia na selva dos números foi Paul Glick, do Serviço de Recenseamento, um homem em geral considerado o maior conhecedor de estatísticas de casamento e divórcio na América.

«Para ver se há uma fuga em massa do casamento», sugeriu Glick, «seria prudente examinar primeiro o outro lado das estatísticas de divórcio — sobre os divorciados que se casam outra vez.»

O exame valeu a pena. Quatro de cada cinco pessoas divorciadas se casavam de novo. Obviamente, seus divórcios não significavam nenhum desencanto particular para com a instituição do casamento. Eles tentavam outra vez, na esperança de conseguir melhores resultados na segunda oportunidade.

«Mas reparem nestas pessoas que vão de um casamento para outro», argumentam os críticos.

Outro mito. Só dois por cento dos que se casam se divorciam duas vezes e se casarão uma terceira vez,

acentuou Glick. E a percentagem dos que se casam uma quarta vez é tão pequena que se torna virtualmente invisível — um quarto de um por cento!

Próxima pergunta: qual a proporção da taxa de divórcio atualmente? É verdade que metade dos casamentos são rompidos?

Absolutamente, disse Glick. «Os que citam esta taxa tão alta», explicou, «estão contando os dois. Mas isto é comparar maçãs com laranjas — tratando-se de dois diferentes grupos de pessoas. Num grupo estão os divorciados, que tanto podem ter-se casado no ano passado, como há 10 ou até 30 anos atrás. No outro grupo estão os recém-casados. Suponhamos que, numa dada comunidade, 100 pessoas tenham se casado durante o ano, e outras 100, casadas em anos precedentes, estejam se divorciando. Obviamente, não se pode dizer que haja uma percentagem de 100 por cento de divórcios, ou predizer que todos os novos casamentos vão desmoronar.»

O meio ideal de se obter uma taxa de divórcios é tomar uma ampla amostragem de pessoas e ver o que acontece com seus casamentos durante um curto período de tempo. Este tipo de estudo, por estranho que pareça, nunca tinha sido feito até alguns meses, quando, financiado pelos Institutos Nacionais de Saúde, Glick pôde confrontar 50 mil americanos pela duração do casamento e a experiência do divórcio.

Pela primeira vez, então, Glick

pode falar agora com alguma segurança sobre a taxa de divórcios nos Estados Unidos. «Das mulheres casadas, atualmente na faixa dos 25 a 35 anos», disse, «a pesquisa mostrou que só 25 a 29 por cento apresentam possibilidades de terminar seu casamento em divórcio, em alguma época de sua vida.»

Isso significa que 71 a 75 por cento destas mulheres provavelmente ficarão casadas para sempre. Dificilmente alguém poderia chamar isso de uma fuga em massa do casamento.

Amor Jovem. *O Casamento É um Inferno*, diz o título de um recente livro americano. Seu autor, seguindo a atual corrente antifamília, chama o casamento de «um anacronismo» e o responsabiliza pela infelicidade conjugal e pelas frustrações matrimoniais. Contudo, quando procuramos ver quem está se divorciando, descobrimos que, se o casamento é um inferno, é porque forças *fora* do casamento o impedem de ser um paraíso.

Por exemplo, muitos divórcios ocorrem entre os jovens. De longe, a mais alta incidência de divórcio se encontra no grupo abaixo dos 25 anos, três vezes mais do que na taxa total.

A idade mediana de casamento para as mulheres americanas, no ano passado, era 21 anos, e, para os homens, 23. Com tanta pressa em se casar antes desta faixa de idade, o casal logo se arrepende na vara de família. Quase metade

do total de divórcios registrados anualmente é provocado por esposas abaixo dos 20 anos de idade. Na verdade, os casamentos de dois adolescentes estão de tal forma fadados ao fracasso que David M. Reed, do Conselho Matrimonial de Filadélfia, chama a esses casamentos de «área desastrosa».

O que conduz à ruptura do casamento jovem? Falta de sexo? Falta de comunicação? Falta de liberdade? Falta de alguma coisa na própria instituição do casamento? Bobagens. É a falta de dinheiro. Ou, em outros termos, é a falta de preparação para sustentar uma família.

Os sociólogos descobriram que, quanto mais baixa economicamente a classe, mais alta a probabilidade de casamentos entre adolescentes. Isto acontece porque o jovem mais pobre tem menos oportunidade de que os jovens da classe média em prolongar os estudos até o ensino superior, o que retarda o casamento. Seus casamentos são ainda mais frágeis do que os dos jovens da classe média. O que confirma a afirmativa de que certas forças *fora* do casamento — a falta de meios para sustentar o empreendimento matrimonial, por exemplo — causam frustrações conjugais entre os jovens.

As forças que fazem naufragar os casamentos jovens têm muito em comum com o rompimento dos casamentos em todas as idades. O sociólogo John Scanzoni, que também combate o mito do desapa-

recimento da família, coloca o problema nestes termos:

«Se quiser conhecer a verdadeira causa da instabilidade matrimonial, não procure o ponto fraco na instituição do casamento ou da família. Procure, de preferência ver que papel a educação, a ocupação e a renda têm nos divórcios.»

É o pobre (adolescente ou adulto), e não o rico, que se divorcia mais frequentemente. E nada assegura mais a longevidade de um casamento do que a educação e o preparo, que permitem ao cabeça do casal competir por empregos e carreiras mais vantajosas.

Estatísticas Duvidosas. Certamente, aqueles que citam as estatísticas de divórcio para desacreditar o casamento e a família não se detiveram na análise. Enxergam «tendências para novas formas de família» em baixo de cada cama.

É verdade que a imprensa e a televisão americanas dão a impressão de que o país está condenado às inovações extramatrimoniais — citando o casamento com múltiplos cônjuges, a união sem casamento, a vida comunal, etc., como prova de que os americanos estão fugindo do casamento. Mas os sociólogos responsáveis dão o aviso.

«Inovações? Vimos muito mais do que isto antes», diz o Professor Reuben Hill, um dos principais sociólogos da família. «Tivemos comunas e casamento múltiplo em 1870 e um movimento pelo amor livre e casamento experimental em

1920. Seria penoso prosseguir com formas que já foram advogadas e testadas.»

«Não há absolutamente nenhuma pesquisa segura que apoie a noção de significativas tendências para um novo arranjo matrimonial», disse ele.

De fato, não há. Por exemplo, naquela conferência de Dallas sobre o futuro da família, um orador proclamou que casamento em grupo (entre três ou mais adultos) era maravilhoso para as crianças e «ajudava os adultos a crescer». E predisse:

«O casamento em grupo pode não suplantiar os casamentos tradicionais nos próximos cinco ou dez anos — mas está a caminho.»

Perguntei ao orador:

«Em que fatos o senhor baseia suas reivindicações e predições?»

«Observamos pessoalmente (ele e sua esposa) três casos de casamento em grupo», disse. «E ouvimos falar de 12 outros, abrangendo 51 pessoas.»

E falou-me a propósito das «pesquisas dos Constantines», feitas por uma equipe de marido e mulher que vêm sendo os escritores mais prolíficos e ardentes a favor do casamento em grupo. Num artigo remetido à revista *Psychology Today*, mas não publicado, Lawrence e Joan Constantine admitiram, com pesar, só terem podido localizar dez uniões deste tipo.

«Convidados para fazer uma estimativa», escreveram os Constantines, «diríamos que deve haver menos de 100». (Num país de

mais de 200 milhões de habitantes!)

Outra «alternativa», largamente disseminada num *best-seller*, é o «casamento aberto». Os co-autores advogam escapadas extramatrimoniais, desde que marido e mulher contem tudo um ao outro. Que pesquisa os teria convencido de que um casamento desse tipo dá certo? Eles mesmos explicam que entrevistaram «de passagem e de tempos em tempos», aproximadamente 240 indivíduos casados. Quantos destes estariam praticando o casamento aberto? Segundo os autores, aproximadamente dez por cento — uma amostra estatística que tornaria ridícula uma investigação séria.

E é assim que funcionam as outras alternativas citadas pelos críticos antifamília como «prova» de que os americanos estão fugindo do casamento tradicional, monogâmico. Estas também são mitos. E todas elas são usadas para promover o grande mito — o de que a família, como é conhecida agora, está em vias de desaparecimento.

Comumente, os mitos têm um grande poder mistificador. Pois, exatamente como Hitler usou o mito da «superioridade da raça» germânica para fortalecer sua guerra contra a civilização ocidental, assim também o mito da família em vias de desaparecimento é usado para guerrear a família — procurando convencer a maioria dos americanos de que são eles, e não os experimentadores, que estão atrasados no tempo.